

## ilustrada **bienal de são paulo**

# Bienal fecha vão do pavilhão de Oscar Niemeyer e divide opiniões

Exposição inverte o percurso entre os andares e atíça as discussões sobre o purismo de construções modernistas

Caio Sens

**SÃO PAULO** Devorar um prédio não é tarefa fácil. Quando Oswald de Andrade escreveu o “Manifesto Antropófago”, sugeriu o canibalismo da cultura do “outro” na formação de uma nova estética nacional.

Quando os arquitetos Anna Juni, Enk te Winkel e Gustavo Delonero, do escritório Vão, decidiram fechar temporariamente os espaços abertos do pavilhão da Bienal, em São Paulo, eles se propuseram também a engolir simbolicamente pavimentos e referências.

Para quem já visitou o pavilhão Cicillo Matarazzo ou o conhece pelas fotografias, o impacto é inevitável. Ao subir a rampa do primeiro pavimento para o mezanino, percebemos que os vão entre os andares superiores estão fechados por superfícies curvas.

O visitante estreatante, por outro lado, pode nem perceber que aquele lugar um dia foi diferente. Os fechamentos foram feitos no mesmo branco característico do edifício projetado por Oscar Niemeyer, seguindo as curvas dos icônicos guarda-corpos. “São manipulações de um desenho que já existia no prédio”, diz Juni, uma das arquitetas responsáveis pelo projeto.

A proposta mimetiza o desenho do mestre do modernismo para virar sua obra do avesso. É algo que os arquitetos do Vão definem como o ato de “fagocitar” simbolicamente o espaço aberto, ou seja, abraçar e engolir o vazio com as formas curvas de Niemeyer.

As intervenções no pavilhão acontecem como parte do projeto da Bienal de São Paulo. A 28ª edição do evento, aquela que há 15 anos ficaria conhecida como “Bienal do Vazio”, deixou o edifício completamente nu, expondo o prédio na sua racionalidade modernista. Também incluiu um escorregador do artista Carsten Höller como alternativa às rampas e escadas.

Na ocasião, um grupo invadiu a exposição e pichou frases de protesto. “Espancaremos na tinta a Bienal de arte”, dizia um convite ao ato, compartilhado pelos pichadores.

Há cinco anos, cortinas definiram espaços de uma mostra que se voltava para dentro do prédio. Quem olhava de fora via apenas as costas dos quadros das pinturas, numa negação temporária das transparências das enormes janelas do pavilhão. Em 2020, com a exposição “Vento”, o prédio voltou ao seu minimalismo sem divisórias, dedicado a mostrar obras quase invisíveis — em áudio e vídeo —, no ambiente de certa forma inóspito imposto pela pandemia.

Na edição deste ano, a 35ª, a proposta audaciosa do Vão altera a forma como enxergamos o pavilhão. O ambiente amplo com visibilidade completa de todo o prédio se inverte. Quem está no segundo pavimento tem a visão voltada para as janelas laterais, olhando para fora, para o parque Ibirapuera. Quem está nos outros andares enxerga as curvas de Niemeyer realçadas pelo volume monolítico.

Enk te Winkel conta que a intervenção temporária no vão surgiu de um processo de compreensão da proposta dos organizadores. “Existia

uma vontade da curadoria de romper um tanto do que esse edifício carrega como peso simbólico de uma determinada época, quando o Brasil tinha uma representação oficial de arquitetura”, afirma.

O arquiteto e professor Silvio Oksman, especialista em restauro e preservação de patrimônio cultural, resume a questão do peso que rodeia a arquitetura moderna no Brasil. Segundo ele, por muito tempo intervir em um edifício modernista, mesmo que temporariamente, foi um tabu.

“Em relação ao moderno, a gente não se dá o direito de se divertir”, diz. “Eventualmente alguém vai dizer ‘ah, mas fechou o vazio, desrespeitou o prédio’. Pelo contrário. Fechou o vazio, provocou o prédio, e provocar é pôr em debate, em diálogo. É bonito.”

Nesse sentido, a proposta do escritório Vão incita um jogo de relações entre o público e o pavilhão. “A gente queria um projeto que chamasse o edifício para dançar junto”, afirma Anna Juni, em referência ao título desta edição da mostra, “Coreografias do Impossível”.

A publicação educativa, criada pela equipe do evento, associa essa coreografia ao ato de caminhar. “Seguir em frente ou retroceder, movimentar o corpo em relação aos ambientes e aos outros corpos é dançar”, diz o material. Anna Juni, Enk te Winkel e Gustavo Delonero buscam trazer essas conexões para o trajeto da exposição, invertendo a ordem tradicional de circulação.

Do primeiro pavimento, o público sobe direto até o último andar para depois descer ao segundo. A descida acontece pela rampa externa do prédio. Esse ir e vir — seguir e retroceder — é orientado por cores que identificam os caminhos da exposição. Trocar pavimentos, justapor o espaço vazio ao fechado, circular dentro e fora do edifício são movimentos que formam as reviravoltas dançantes da proposta.

Winkel lembra que a mudança também propõe repensar padrões históricos observados. “Havia uma hierarquia clara nos andares. Brasil e Estados Unidos ficavam no primeiro andar. No segundo andar, tínhamos França, Espanha, Itália, Portugal — países com maior proximidade econômica e cultural —, e o terceiro era subdividido em mil caixinhas para todos os outros.”

A inversão de pavimentos também viabiliza ao público uma nova sequência expositiva. O contato com as peças históricas da mostra, nas áreas climatizadas do terceiro andar, cria um repertório conceitual importante antes da visita às obras contemporâneas do segundo pavimento.

A dança proposta realça uma das marcas de Niemeyer, a aptidão para abrigar diversas possibilidades e intervenções. “A imprevisibilidade, e esse prédio exige a imprevisibilidade, é o que faz a arquitetura ficar viva”, diz Oksman, o professor e arquiteto. “Se tivéssemos uma forma certa de ocupar a Bienal, a gente não precisava de projeto expográfico.”

### 35ª Bienal de São Paulo

Pavilhão Cicillo Matarazzo - pq. Ibirapuera, portão 3, São Paulo. Ter., qua., sex. e dom., das 10h às 19h; qui. e sáb., das 10h às 21h. Até 10 de dezembro. Grátis

**+**  
**VEJA AS GRANDES MOSTRAS PARALELAS EM SÃO PAULO**

**Sheroanawe Hakihiiwe e Brook Andrew**  
Masp - av. Paulista, 1.578

**Murilo Mendes e Tunga**  
Museu de Arte Moderna - av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, pq. Ibirapuera

**Cao Fei e Antonio Obá**  
Pina Contemporânea - av. Tiradentes, 273

**Marta Minujín, Sonia Gomes e Maria Leontina**  
Pina Luz - pça. da Luz, 2

**Elisa Bracher**  
Pina Estação - lgo. Gal. Osório, 66

**Hans Gunter Flieg, Helena Almeida e Iole de Freitas**  
Instituto Moreira Salles - av. Paulista, 2.424

**Lucas Bambozzi e Cybèle Varela**  
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - av. Pedro Álvares Cabral, 1.301

**‘Un Lento Venir Viniendo’ e Iole de Freitas**  
Instituto Tomie Ohtake - r. Coropé, 88

**Ivan Serpa**  
Instituto de Arte Contemporânea - av. Dr. Arnaldo, 120

**Sérvulo Esmeraldo**  
Centro Cultural Banco do Brasil - r. Álvares Penteado, 112

**Orlan**  
Sesc Avenida Paulista - av. Paulista, 119

**Retratistas do Morro**  
Sesc Pinheiros - r. Pais Leme, 195

**Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro**  
Sesc Belenzinho - r. Pe. Adelino, 1.000

**Sergio Fingermann**  
Museu Lasar Segall - r. Berta, 111

**História da Tatuagem no Brasil**  
Farol Santander - r. João Bricola, 24

**David Almeida e Alberto da Veiga Guignard**  
Casa Zalszupin - r. Dr. Antônio Carlos de Assumpção, 138

**Refundação**  
Ocupação Nove de Julho - r. Álvaro de Carvalho, 427

**Aberto 02**  
r. Com. Elias Zarzur, 2.036

